

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 24 - número 47- março 2015

vol. 24 - número 47- março 2015

Fundação Eng. António de Almeida



**CANTO'S**

**Ou da surdez da filosofia ao silêncio do além-sentido**  
**Uma leitura de *À escuta* de J.-L. Nancy\***

FERNANDA BERNARDO\*\*

**Resumo:** Tida, embora, por Sócrates, no limiar da sua morte, pela mais excelente forma de música (*Fédon*, 61 a), muito raramente no entanto a Filosofia teve ouvidos para o canto (sendo, no tocante a esta questão, Kierkegaard e Nietzsche duas admiráveis exceções): ouviu-o/entendeu-o, compreendeu-o, captou-o, conceptualizou-o. Numa palavra, silenciou-o.

Denunciando a neutralização da escuta pelo impenitente *fono-logo-centrismo* da Filosofia, esta leitura de *À escuta* de Jean-Luc Nancy (Belo Horizonte, Chão da Feira, 2014) tenta salientar como, da atenção nanciana à secreta ressonância do canto, se eleva o clamor de uma voz que animará, exporá e tatará um corpo e contra-assinará uma dada língua, dando-lhe como que um corpo novo: é o «si» («sujeito ressonante»), o «corpo», a «alma», o «sentido» e os «sentidos» que, na sua contaminação de princípio, Nancy aqui nos dá a re-pensar a partir da experiência da escuta como abertura e extremidade intensificada do próprio ouvir que envolve, endereça e cripta.

**Palavras-chave:** escuta, ouvir, entender, som, ressonância, timbre, sentido's, ritmo, si, Nancy.

**Abstract:** While considered by Socrates, on the threshold of death, to be the most excellent form of music (*Phaedon*, 61 a), hardly ever, however, has Philosophy lent its ears to singing (being Kierkegaard and Nietzsche two remarkable exceptions with regard to this subject): it heard it/understood it, comprehended it, caught it, conceptualized it. In a word, it silenced it.

---

\* Jean-Luc Nancy, *À escuta*, tr. Fernanda Bernardo, Edições Chão da Feira, Belo Horizonte, 2014. A paginação indicada ao longo deste texto reenvia sempre a esta edição.

\*\* Professora da Secção de Filosofia do Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação (FLUC); fernandabern@gmail.com

Denouncing the neutralization of *listening* by the impenitent *phono-logo-centrism* of Philosophy, this reading of Jean-Luc Nancy's *À l'écoute* aims to highlight how the cry of a voice, which shall animate, expose and tattoo a body and counter-sign a given language, as if giving it a new body, rises from the Nancian attention to the secret resonance of singing. It is the «self» («resonant subject»), the «body», the «soul», the «sense» and the «senses» in their original contamination that Nancy gives us here to re-think from the experience of *listening* as opening and intensified extremity of hearing itself, which listening involves, addresses and encrypts.

**Keywords:** listening, hearing, understanding, sound, resonance, timbre, sense's, rhythm, self, Nancy.

«Na realidade, não paro de falar do timbre,  
e procuro timbrar o meu discurso filosófico.»

**Jean-Luc Nancy, *À Escuta***

«remontar até ao “ante-musical” onde “o eu descobre o som  
de uma voz que o dobra” [...] Não me ocupo [...] senão da  
ressonância de uma tal voz»

**Jean-Luc Nancy, *À Escuta***

«Era necessário pôr “algodão nos ouvidos” para fazer filosofia»

**F. Nietzsche, *Gaia Ciência*, § 372**

«Le silence, seul luxe après les rimes»

**Mallarmé, *Mimique***

... da voz da alma – é talvez dela, da leveza etérea do seu canto vibrátil, exultante, sussurrante, desfalecente e melancólico, inconsolavelmente melancólico<sup>1</sup>, que, embora não sem júbilo, o ouvido musical<sup>2</sup> de Jean-Luc Nancy aqui está filosoficamente<sup>3</sup> *à escuta* na sua escuta atenta da tão secreta

<sup>1</sup> Melancólico no sentido de *luto im-possível*, que é o único luto possível, tal como Derrida no-lo dá a pensar no seu repensar do luto e da melancolia segundo Freud – para esta questão, veja-se, nomeadamente, Freud, «La aflicción y la Melancolia» (in *Obras Completas*, vol. I: Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948, p. 1087) e J. Derrida, *Carneiros, O Diálogo ininterrupto entre dois infinitos, o poema*, tr. Fernanda Bernardo: Coimbra, Palimage, 2008.

<sup>2</sup> O ouvido próprio de um pensamento musical que, no dizer do próprio Hegel, é o pensamento que não logra elevar-se ao conceito – espécie de «terceiro ouvido» (cf. F. Nietzsche, *Para além do Bem e do Mal*, § 246), o ouvido musical é aquele que, atento ao Dizer que envolve e endereça todo o Dito, resiste ao conceito, lembrando-lhe o seu limite e, portanto, a sua impossibilidade como tal. Daí a escuta da música constituir como que o modelo, não só de toda e qualquer escuta, mas também do pensar ou do pensamento.

<sup>3</sup> Apesar da necessária e subtil distinção entre *pensamento* e *filosofia*, apesar da prima-

ressonância do silêncio: silêncio a entender, não como a privação ou a misteriosa e sublime inefabilidade do sonoro, mas como a própria «disposição de ressonância» (cf. p. 41). Como a fonte generosamente alimentícia da própria ressonância do som na sua condição de ressoar diferencial da própria *différance*. No fundo, como o latejar apelativo da instância assémica na sua condição de limite-limiar do próprio sentido *para além* do som, do sentido ou da significação – é ela que Nancy aqui escuta, pensa e nos dá a pensar, perscrutando e dando-nos ao mesmo tempo e no mesmo gesto a pensar «o parto da voz» e, por ele ou graças a ele, a vinda a si do dito sujeito como in-finito reen-vio, que o mesmo é dizer, como in-finita relação heteronómico-dissimétrica a si (como *si*, justamente (cf., p. 33-34)): tocado por ela e/ou convocado por ela, é manifestamente a ela, é ao canto silencioso desta instância assémica, desta arqui-sonoridade silenciosa que, antes de mais, Nancy se endereça e se dedica (cf. epígrafe do livro) na sua *experiência pensante* da *escuta* como fundo abissal do *ouvir/escutar* («*écouter*»), na sua irredutibilidade ao *ouvir/entender* («*entendre*»), e como a corrente de ar vibrátil da qual se elevará o clamor da voz, da voz de *uma voz*<sup>4</sup> que animará, exporá e tatuará um corpo e assinará indelevelmente uma língua dando-lhe um corpo novo:

«em todo o dizer», diz Nancy, «(e eu quero dizer em todo o discurso, em toda a cadeia de sentido) há ouvir e, no próprio ouvir, no fundo dele, uma escuta: o que quereria dizer: talvez seja preciso que o sentido não se contente com fazer sentido (ou com ser *logos*), mas além disso ressoe. *Todo o meu propósito girará em redor de uma tal ressonância fundamental, ou mesmo em torno de uma ressonância enquanto fundo, enquanto profundidade primeira ou última do próprio «sentido» (ou da verdade).*» p. 17. Eu sublinho.

Dar ouvidos, prestar atenção – atenção designada por Malebranche a «oração natural da alma!» – ao tom do silêncio, assim dando ouvidos ao

---

zia, da matinalidade e da radicalidade do *pensamento* relativamente à *filosofia*, a verdade é que é *a partir* da filosofia que a *questão da escuta*, que percorre este livro, significativamente aberto pela *coda* musical final, se coloca: trata-se da filosofia *no* limite a pensar o limite da filosofia. Como reiteradamente Derrida o disse e o lembrou, nomeadamente em *Aprender finalmente a viver* (tr. Fernanda Bernardo: Coimbra, Ariadne, 2005, p. 53), não se pode, não se deve atirar a filosofia «às urtigas»... Não tenho a certeza de que esta tentação não exista hoje em dia entre alguns literatos desconstrucionistas que teimam em confundir filosofia com desconstrução da filosofia e, assim, a confundir tudo na intensão de menorizar a filosofia. Ora, a desconstrução da filosofia – que salienta a própria auto-desconstrução desta – desconstrói, é certo, o seu registo metafísico, cuja fantasmacidade salienta, mas não destrói a filosofia. Pelo contrário, diria mesmo... Re-afirma-a.

<sup>4</sup> Cf. Jean-Luc Nancy, «Vox Clamans in Deserto» in *O Peso de um Pensamento, a aproximação*, tr. Fernanda Bernardo e Hugo Monteiro: Coimbra, Palimage, 2011, p. 38.

encetamento e à reverberação do sentido para além do som e da significação a fim de lograr dar enfim ouvidos ao próprio «som do sentido» (cf. p. 23), eis a tarefa a que nesta obra Nancy se entrega, salientando, por um lado, a fina partilha e a singular contaminação entre *escutar* e *ouvir* na sua diferença com o *ouvir/entender* (= compreender o sentido, cf., p. 17-18), e salientando, por outro lado, a tradicional desatenção da filosofia à *escuta* no fundo e como fundo do *ouvir*, que ela terá quase sempre reduzido ao *ouvir/entender*, assim salientando também a persistente desatenção da filosofia ao «som do sentido»: de facto, tradicionalmente, à filosofia interessou-lhe sempre mais o «querer-dizer» ou a «mensagem» do que a sonoridade que, para além de a encetar e partilhar, a envolvia e a portava ou enviava. Mas que só aparecia a desaparecer, a desvanecer-se.

E Nancy entrega-se a esta tarefa para, no essencial, salientar que, muito embora esta «ressonância fundamental» (cf. p. 17), esta «pura ressonância» (cf. p. 50), esta «arqui-sonoridade» (cf. p. 50) na sua condição de eco do silêncio primordial - que ecoará ou ressoará *numa* voz, que dará voz a *uma* voz, modulando e timbrando, polifonizando<sup>5</sup>, partilhando<sup>6</sup> a sua fala, assim a tornando, em si própria, mais de uma («*plus d'une*») e, por conseguinte, nem sequer *uma* (una) - esteja sempre prestes a perder-se na contumaz dureza do ouvido filosófico e na capciosa rigidez formal das palavras, das cores e das imagens, não há nunca escuta digna do nome sem *différance* (cf. p. 16), que o mesmo é dizer, que não seja já sempre escuta da ressonância de um silêncio absoluto a ecoar na cavidade abissalmente labiríntica do ouvido de um *sujeito à escuta*, e *ipso facto* a ecoar em todos os seus sentidos (sensatos ou sensíveis), que, sem hierarquia, faz vibrar entre si. Porque um sujeito à escuta é um sujeito a *sentir-se*, a *sentir-se* sentir, a *ressentir-se*, porque, como Nancy o diz numa inaudita ressonância na nossa língua capaz de insinuar a ressonância da amplitude da própria *aïsthesis*, «um sujeito *sente-se*»... - o que «quer dizer que ele se ouve, se vê, se toca, se saboreia, etc., e que se pensa ou se representa, se aproxima e se afasta de si» (p. 23). O «se» não diz manifestamente mais uma reflexividade possessiva, especular, mas a passividade activa de uma *in-tensa* ex-posição. Da nudez de uma *ex-pele-cisão* [*ex-peausition*] no idioma de Nancy.

Ressonância, «pura ressonância», «ressonância fundamental» tida assim, não somente pela condição de possibilidade quase-transcendental do sentido para além da significação (cf. p. 48, 50-53), mas também pelo seu envio e pela sua abertura: «pelo envio e pela abertura do próprio sentido para além

<sup>5</sup> Veja-se Jean-Luc Nancy, *La Pensée Dérobée* (Galilée, Paris, 2001, p. 169) e «Vox Clamans in Deserto» in *op. cit.*, p. 36.

<sup>6</sup> Partilha no duplo sentido de parceria/participação e partição, cf. Jean-Luc Nancy, *Le Partage des Voix*: Paris, Galilée, 1982.

da significação» dirá Nancy (*cf.* p. 61) – um sentido que é afinal um sentido *outro*, um «além-sentido» (*cf.* p. 61), um sentido para além do sentido, da significação e da verdade que se revelará no entanto a condição do próprio sentido, da própria significação e da própria verdade que ao mesmo tempo enceta, dobra e heterogeniza ou *partilha*: um sentido que não consiste, pois, mais numa «intenção» ou num «fenómeno significante», na «visada intencional» de um dado sujeito, mas no ímpeto reiterado de um impulso, de uma inclinação, de uma tensão, de um arrebatamento, de um re-envio, de um acesso, de uma adoração<sup>7</sup>, numa palavra, da relação absoluta de um absoluto (*ab-solutus*, quer dizer, separado), de uma singularidade ou de uma ipseidade (separada – de si e/ou em si, do outro, dos outros, do mundo ou do «aí») com o fora [*dehors*] mais absoluto ... E sob o seu ditado (*cf.* p. 59-61). Sob a ressonância do seu apelo! É uma relação hetero-auto-nómico-dissimétrica de recorte meta-ético-desconstrutivo que o ser ou o «estar à escuta» põe em cena – com efeito, repudiando o registo da habitual «lamechice filantrópica» e piedosa, Nancy assume e salienta a *singular* «tonalidade ontológica» do seu «estar à escuta» com o intuito de remontar também da intransitividade e do «esquecimento do ser», à Heidegger, à «ressonância do ser ou ao ser como ressonância» (*cf.* p. 40-41). No fundo, um outro nome do ser no limite (*cf.*, p. 11). E, *pensar* no limite da filosofia o próprio limite da filosofia, é a marca por excelência do pensamento filosófico de Nancy – e o idioma da Desconstrução!

Um além-sentido, um sentido do's sentido's (mas sem meta-sentido<sup>8</sup>!) que ecoa no corpo do dito sujeito, ou de que o corpo do dito *sujeito à escuta* é a própria «caixa-de-ressonância» (*cf.* p. 22, 73-74) – eco que é para Nancy a própria alma, ou aquilo a que tradicionalmente se chama a alma: uma alma extensa, aberta e vibrantemente extensa, «*partes extra partes*» e «*partes contra partes*», como ela é para Nancy no eco e como o eco da sua escuta de *Psyche ist ausgedehnt* da famosa nota póstuma de Freud –, e que é, de si próprio, um tal além-sentido, dizíamos, também um apelo insistente para se *re-pensar filosoficamente*:

– quer o *sentido* (como *logos*) *para além* do sentido, *re-pensando-o* no seu «estado nascente» e na sua condição de eco ou de reenvio (*cf.* p. 54) desligado da «perspectiva significante como perspectiva final» (*cf.* p. 55);

<sup>7</sup> Veja-se Jean-Luc Nancy, *A Adoração*, tr. Fernanda Bernardo: Coimbra, Palimage, 2014.

<sup>8</sup> Em *A Adoração* (*op.cit.*, p. 19), Jean-Luc Nancy adverte que «não há sentido do sentido» e que «isso é adorável» – quando aqui dizemos «sentido dos sentidos», queremos designar a anterioridade de uma *orientação litúrgica* (mas sem qualquer teologismo!) *para* prévia ao próprio semântico. A relação absoluta ao absoluto (que não é necessariamente Deus – o Deus das religiões reveladas), ou ao fora (*dehors*), ou ao algures (*ailleurs*).

- quer o dito *sujeito* da escuta ou à escuta *para além* do sujeito fenomenológico ou filosófico, uma vez que, na sua condição ou, talvez mais precisamente, na sua incondição de «sujeito ressoante» (cf. p. 41-42), na sua corporeidade ele é justamente o lugar e o eco da ressonância graças à qual se ritma e se timbra, se timbra ritmadamente uma voz na sua singularidade, incomensurabilidade e intangibilidade absolutas;
- quer ainda o próprio *pensamento para além* do poder ou da vontade de poder – ou repensando esta vontade de poder, em termos nietzschianos, como inexcedível vontade de criar. Como apelo infinito (pontualmente infinito) a re-inventar e a re-inventar-se – a re-inventar, re-inventando-se, a si próprio, porque, como também Derrida disse, «*nós estamos por inventar*. E o ser do *nós*, e o próprio ser. Para além do ser»<sup>9</sup>. E como também diz Agamben, aqui citado por Nancy (cf. n. 49), pensar é procurar a voz na linguagem. A escuta, o ser ou o estar à escuta, *o ser como estar à escuta* é a cena do próprio parto da voz que dará à luz uma fala que, por sua vez, dará (língua) à língua. Dará um corpo novo à língua (assim) bem herdada. Nancy<sup>10</sup>, lembremos, distingue voz-fala-língua na sua singular imbricação e no seu endividamento mútuo, embora dissimétrico: a voz, que ainda não fala, é assim como que o canto, ou o poema, na fala e o que apela a falar e a *dar à língua*.

Em suma, está aqui em questão *escutar* atentamente a ressonância injuntiva do *para além* do ser, do *para além* do tempo e do sentido como tempo e sentido *do* ser (assim repensando o próprio ser como ressonância), *re-pensando* o modo como o além-sentido faz sentido (cf. p. 46 ss) ressoando numa voz – isto é, dando voz a uma voz, polifonizando-a, timbrando-a, *ex-crevendo-a*. A escuta da ressonância do silêncio ecoa como timbre da voz (a voz do próprio silêncio) que, para Nancy, é o correlato primeiro da escuta que assim *aproxima* o que só pode afastar-se da onto-fenomenologia. Ou, como poeticamente L.-R. des Forets diz do timbre de uma voz, «son timbre vibre encore au loin comme un orage / Dont on ne sait s'il se rapproche ou s'en va.»

Um *para além* do ser, um fora [*«dehors»*] ou um algures [*«ailleurs»*] absolutos (*ab-solus*, isto é, separados) que, sublinhemo-lo também, idioma da Desconstrução como idioma filosófico, timbra a hiper-radicalidade irredentista (meta-onto-teológica, meta-fenomenológica e meta-política) do pensamento filosófico de Nancy. Daí que nesta obra do filósofo à *escuta* da resso-

<sup>9</sup> J. Derrida, «Psyché. Invention de l'autre» in *Psyché. Inventions de l'autre* : Paris, Galilée, Paris, p. 60.

<sup>10</sup> Jean-Luc Nancy, *O peso de um pensamento, a aproximação*, op.cit.

nância do «além sentido» ou do sentido no limite-limiar<sup>11</sup> do sentido – «estar à escuta», escreve Nancy, «é sempre *estar à beira* do sentido [...] como se o som não fosse precisamente nada de outro que não este bordo, esta franja ou esta margem» (cf. p. 19) -, eu faça questão de realçar muito sucintamente aqui três motivos que, *de um ponto de vista filosófico*, tenho talvez por mais relevantes – a saber:

1. – Em primeiro lugar, aquele que, *puxando as orelhas à filosofia* (cf., p. 20) a fim de inclinar, de apurar e de timpanizar o seu ouvido<sup>12</sup> para a escuta (da arqui-sonoridade do silêncio), insistentemente lhe lembra – a ela, no entanto, nascida como a «mais excelente forma de música» (*Fédon*, 61 a)! –, a persistência da sua indiferença ou da sua surdez ao *canto* (ao *tom* ou ao *timbre*, é tudo o mesmo na sua condição de eco do além-sentido numa voz (cf. p. 20 e nota 23), que o mesmo é dizer, na sua condição de *espectral resíduo* cantante da *différance*, de que, notemo-lo também, a diferença gráfica entre as duas vogais, o *e* e o *a*, no corpo da palavra francesa (*diffèrEnce* – *diffèrAnce*) é a marca: diferença gráfica que, notemo-lo também, se furta simultaneamente ao olhar e ao ouvir/entendimento: «escreve-se ou lê-se, mas não se ouve/entende»<sup>13</sup>), assim lembrando à soberba todo-poderosa da razão filosófica, alimentada pela cumplicidade circular fundadora das metáforas do olho e do ouvido, bem como pela oposição hierárquica entre o sensível e o inteligível, entre a ordem do sentido sensível e a do sentido inteligível ou teórico (*theorein*), o gume persistentemente apelante de um limite absoluto (*ab-solus*) do sentido. Um limite inapropriável. Um limite (*limus*) líquido, oblíquo, estruturalmente oblíquo, que apenas ficcionalmente a filosofia – na sua pretensão de exorcizar a ficção! – pôde ter tido a pretensão de recorrentemente ter feito *seu*.

Com efeito, tida por Sócrates na sua espera em cuidado da morte (*epimeleia te psukhes na melete thanatou*) pela mais excelente das músicas (*Fédon*, 61 a) – embora *A República* e *As Leis* tenham a música por uma ameaça para a ordem da *polis* ou para a ordem *tout court* –, nunca a filosofia teve, de facto, ouvidos para o canto<sup>14</sup>. Para a vibrante ressonância do canto – entendeu-o.

<sup>11</sup> Veja-se J.-L. Nancy, *L'Expérience de la liberté* (Paris, Galilée, 1988) e *Une Pensée finie* (Paris, Galilée, 1991).

<sup>12</sup> Cf. J. Derrida, «Tympan» in *Marges, de la Philosophie*: Paris, Minuit, 1972, p. I-XXXV.

<sup>13</sup> Cf. J. Derrida, «La Différance» in *Marges, de la Philosophie, op. cit.*, p. 4.

<sup>14</sup> Philippe Lacoue-Labarthe, em *Musica Ficta (figures de Wagner)* (Paris, Christian Bourgois, 1991, p. 166), escreve: «De modo que, incómodo crispado ou *pathos*, a música não terá tido sorte com a filosofia e poder-se-ia hoje facilmente supor, sobretudo hoje, que se trata do objecto por excelência rebelde à captura filosófica e, por esta razão, não



Compreendeu-o. Pretendeu tê-lo captado, conceptualizado, apropriado sem resto, quando, no fundo, apenas o neutralizou e o silenciou. Nunca ela o escutou *como tal*.

Combatendo, por isso, aquilo que aqui designa pela *anestesia* ou pela *apatia* da filosofia para com o canto – que Nietzsche tem pela noite do filósofo e Derrida<sup>15</sup> pela noite da noite para o ouvido filosófico –, e assumindo não se deixar refrear pelo proclamado primado da linguagem e da significação – no fundo, a questão é sempre: de que linguagem se fala, de que concepção de linguagem se fala, quando se fala da sua originariedade? Quando se fala da primazia do verbo? Que relação entre voz, fala e língua? –, Nancy comece aqui por lembrar a necessidade de uma acuidade hospitaleira para com o que, no léxico da música, designa por «ataque do tempo» (cf. p. 31), pelo bater insistente da *anacruse* (*anákrousis*), esse tempo vespéral todo de silêncio que, a contratempo<sup>16</sup>, necessariamente, dia-ana-cronicamente, enceta, abre, dobra, pontua, espaça, disjunta e ritma o tempo da escuta e, *ipso facto*, o tempo do pensamento, da palavra e do próprio «sujeito», desde sempre tido, de Santo Agostinho, a Heidegger, Levinas e Derrida, sem esquecer também Kant e Husserl, pelo próprio diapasão do tempo (cf. p. 34).

O *à escuta* de Nancy assemelha-se, de facto, a uma espécie de *experiência da anacruse* – *anacruse* que é, lembramos, o termo que, na linguagem musical – e, enfatizada pela Coda final que *abre* o fim deste livro, a música oferece nesta obra de Nancy «a amostra» ou «o não-objecto» por excelência para a *experiência* (pática, hetero-afectiva – *experiri*) do escutar: é que a música tem o seu ser no seu acontecer – é a passar, a retirar-se, a dizer-nos «adeus»: um «adeus» simultaneamente de saudação e de despedida – música que não releva, por isso, mais de uma lógica da manifestação (e portanto da fenomenalidade) mas de uma lógica da aparição e da evocação (cf. p. 39) e, portanto, da vertigem da sua passagem e da consequente melancolia diante da sua meteorítica aparição espectral –, *anacruse* que, dizíamos, designa o lapso ou a quase ausência de tempo no primeiro compasso de uma música: espécie de tom mudo e surdo, de canto silencioso que, a contratempo, ne-

---

cessando talvez de indicar surdamente um limite da filosofia, um obstáculo secreto ao seu pleno desenvolvimento (à captura), até mesmo, o que não é impossível, uma ameaça.».

Para esta questão, veja-se também o muito belo e fundamental livro de Marie-Louise Mallet, *La Musique en respect*: Paris, Galilée, 2002.

<sup>15</sup> Cf. J. Derrida, «Cette nuit dans la nuit de la nuit...» in *Rue Descartes*, 42: Paris, PUF, 2003, p. 112-127.

<sup>16</sup> No modo do «talvez», eis a sugestiva explicitação do «contratempo» de Maurice Blanchot para significar a diástase do presente: «Contratempo: é talvez diferentemente a espera da marcha atrás por uma retrospecção onde se ilusiona um presente já sempre perdido, porque nunca foi.», *Une voix venue d'ailleurs*: Paris, Gallimard, 2002, p. 41.

cessariamente, enceta e ritma uma composição musical. Do mesmo modo que enceta e ritma a ressonância do silêncio (assim como que a persistência obsessiva de uma mesma nota no ouvido a entoar em silêncio o próprio silêncio...) no modo da própria temporalidade do tempo da escuta tanto quanto do pensamento, que, no dizer de Nancy, é um tempo «em vaga numa onda, não em ponto numa linha» (cf. p. 29). É este tempo vespéral de in-finita veladura – este tempo de antes do tempo (do mundo ou do ser ou do ser-no-mundo) que, como Derrida diz, só vem a partir e a faltar, a retirar-se e a reiterar-se, a reenviar-se, a prometer-se, e que Nancy aqui diz ser o próprio tempo do tempo (cf. p. 30-31) como espaçamento da ressonância sonora –, é este tempo vespéral, dizíamos, que ecoa no *a* «silencioso, secreto e discreto como um túmulo»<sup>17</sup> da *différance* na sua condição de temporização do tempo: o tempo da promessa do evento, o tempo da escrita «*avant la lettre*» – escrita que, como J.-L. Nancy aqui diz, não é senão o ressoar de uma voz (cf. p. 62 ss) – e o tempo da própria escuta (distinta do ouvir/entender). É, no fundo, do batimento ou do «ataque» inesperado que agita e escande a dia-cronia de um tempo, por isso sempre «*out of joint*», que Nancy aqui está à escuta – é também para ele que o filósofo solicita a nossa escuta, não sem sugerir também que é sempre a ele que se escuta quando, *de facto*, se escuta (cf. p. 64 ss): foi para o canto silencioso deste tempo velador (o tempo da vinda do acontecimento tanto quanto da promessa de revolução, de reinvenção e de porvir; numa palavra, o tempo da *différance*, do ressoar da *différance*) que, em geral, a filosofia nunca teve ouvidos:

«[...] é a escuta uma coisa de que a filosofia seja capaz?», pergunta Nancy, «[...] não sobrepôs a filosofia, de antemão e forçosamente, ou, então, não substituiu ela à escuta algo que seria antes da ordem do *entendimento*? Não seria o filósofo aquele que entende sempre (e que entende tudo), mas que não consegue escutar, ou, mais precisamente, que neutraliza nele a escuta – e isto para poder filosofar?» (p. 11).

Distinguindo finamente *escuta* de *ouvir/entender* para atentar na ressonância do silêncio a ecoar numa voz, no canto luminoso de uma voz – e canto luminoso porque agora, para Nancy, o olho acaricia e ressoa e a luz ouve-se (cf. p.64 ss) - J.-L. Nancy começa por isso por denunciar a neutralização da escuta pelo tradicional *fono-logo-centrismo* impenitente da filosofia, que, como também Jacques Derrida criticamente salientou, regra geral, «obedece ao dedo e ao olho»<sup>18</sup> numa persistente «repressão da música ou do canto»<sup>19</sup>, recalcando tudo quanto, na fala ou na língua, não se deixa reunir e apropriar pela autoridade do *logos*. *Fono-logo-centrismo* que, ainda assim,

<sup>17</sup> Cf. J. Derrida, «La Différance» in *Marges, de la philosophie, op. cit.*, p. 4.

<sup>18</sup> J. Derrida, *Le Toucher, Jean-Luc Nancy* : Paris, Galilée, 2000, p. 139.

<sup>19</sup> J. Derrida, *Points de Suspension* : Paris, Galilée, 1992, p. 408.

no tocante à questão da escuta, não deixa de ter algo de paradoxal. E isto porque, pelo menos desde Platão – embora o fenómeno não seja estritamente greco-europeu, mas antes uma estrutura universal na economia da própria cultura humana<sup>20</sup> –, a filosofia sempre tenha privilegiado a voz (*phone*), a voz viva, a fala, na sua condição de presença pura, de proximidade ou de presença transparente da consciência e/ou do sujeito a si mesmo no tempo da sua própria fala, no ouvir-se falar ou no seu endereçamento da palavra a outrem no diálogo, esquecendo assim a arqui-escrita, enquanto ressonância de uma voz (*cf.* p. 63), enquanto ressonância do silêncio ou da *différance* numa voz, a timbrar uma voz, e relegando assim a escrita, de Platão a Saussure, para um plano exterior, inferior e perversor de mera técnica auxiliar da memória viva: a escrita seria boa, dirá no seu *processo da escrita* o *Fedro* (274 d – 275 a-b) pela boca de Tamos, não tanto para a memória viva (*mne-me*), mas sim para a rememoração (*hypomnesis*). Ela não passa de um mero «suplemento» da palavra viva, plena e plenamente presente, ou do «diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma» (*Sofista*, 263 e), de uma exterioridade artificial e emudecida, de uma «vestimenta»<sup>21</sup> travestizante susceptível de violentar, de dar a morte à *palavra viva*, cuja ausência é suposto servir, assistir e revezar (*cf. Fedro*, 275e – 277a). Por outro lado, a voz que *se* ouve falar, a «voz fenomenológica», não tem sequer substância sonora, não tem corpo – não tem aquilo a que Barthes chamou o «grão da voz»: é uma voz puramente espiritual, uma voz sem timbre, sem tom, sem cor, numa palavra, sem comoção: o correlato desta «voz fenomenológica», que, como Derrida refere em *La Voix et le Phénomène* (1967), nunca se ouve tão bem como quando fala em silêncio, é um ouvido que vê, e não um ouvido que escuta – Husserl dirá, aliás, que o sentido é «o que se tem *em vista* com a palavra»<sup>22</sup> (eu sublinho):

«A escrita é a dissimulação da presença natural e primeira e imediata do sentido à alma no logos. [...] Desconstruir esta tradição não consistirá em inverte-la, em inocentar a escrita. Antes em mostrar porque é que a violência da escrita não sobrevém a uma linguagem inocente. Há uma violência originária da escrita porque a linguagem é primeiramente [escrita.»<sup>23</sup>

Lembrar que «a linguagem é primeiramente escrita», lembrando a escrita (ou seja, o silêncio, o desvio, o contratempo, o branco, o espaçamento, a pon-

<sup>20</sup> Cf. J. Derrida in J. Derrida, H.-G. Gadamer, Ph.-L. Labarthe, *La Conférence de Heidelberg (1988)*, Heidegger, *Portée Philosophique et Politique de sa Pensée*: Paris, Lignes/IMEC, 2014, p. 79.

<sup>21</sup> «A escrita vela a vista da língua: não é uma vestimenta mas um travestimento», F. Saussure, *Cours de Linguistique Générale*: Paris, Payot, p. 51.

<sup>22</sup> J. Derrida, *La Voix et le Phénomène*, *op. cit.*, p. 7, nota 1.

<sup>23</sup> J. Derrida, *De la Grammatologie*: Paris, Minuit, 1967, p. 55.

tuação, o tom, o timbre, o estilo, o sotaque, o canto, a ressonância, ...) *na* fala, a ressoar, a pontuar ou a partilhar a fala; ou seja, lembrando que escrever não é senão «vocalizar um sentido que pretendia [...] permanecer surdo» (cf. p. 61), é então desconstruir a ilusão cega e engeuecente da presença imediata do sentido, completamente cega para a *arqui-escrita* que, antes mesmo da escrita em sentido tradicional, da escrita, fonético-alfabética, na sua condição de imagem e/ou de representação da fala, inscreve a *différance* - que é «temporização» e «espaçamento», temporalização como espaçamento ou como ressonância - na própria palavra viva (*vox*), assim inscrevendo o fora ou a exterioridade *na* interioridade como fora ou como exterioridade, numa palavra, como alteridade absoluta - e Nancy lembra que o próprio Lacan diz que a voz é a alteridade do que se diz, o não-dito ou o silêncio (cf. p. 49) -, a repetição *na* imediatidade como iterabilidade, a técnica *no* vivente como sobrevivente, o rastro do outro *no* próprio *sujeito falante* originariamente enlutado ou hetero-auto-afectado.

Paradoxalmente no entanto, apesar de tudo isto, nunca este *fonocentrismo* deu ouvidos ao canto ou ao timbre da voz - nunca ele deu, por isso, também conta nem da «voz da voz», nem da partilha ou da multiplicidade de vozes que ressoam numa voz, por isso, em si própria, sempre mais de uma (*plus d'une*) e nunca sequer uma (*una*). É que, um tal *fonocentrismo*, foi também sempre coadjuvado por um persistente e poderoso *logocentrismo* - a *metafísica da escrita fonética*: com efeito, apesar deste privilégio da voz viva e do presente da sua enunciação, a *phone* apenas interessou à filosofia na sua condição de voz que fala, que diz, que exprime ou enuncia uma proposição, numa palavra, um sentido inteligível: só lhe importava *o que* essa voz dizia. O seu *dito*. Não o seu *dizer*<sup>24</sup> (*dictare*) ou o modo *como* ela *dizia*. Não a sua *dicção* (cf. p. 62), portanto. *Dicção* que constitui o canto diferencial da voz. *Dicção* que dá ao *Dito*, isto é, ao que se diz, o seu tom e que, incomunicável como é, é paradoxalmente também a condição da comunicação.

Algo paradoxalmente de facto, do grito à prece, do apelo ao sussurro, do choro, ao queixume e à exultação, nunca a filosofia, no seu predominante registo *fonologocêntrico*, deu ouvidos à infinita modulação da voz - que o mesmo é dizer, ao seu timbre (cf., p. 68-70) ou à sua ressonância: a *phone* era acima de tudo para ela *logos*: palavra e razão, cálculo, predicação, proporção, enunciação, sentido, idealidade, ... E é justamente na cena desta desatenção da filosofia ao canto da voz que o olhar e a mão (cf., p. 24-25) terão conquistado o seu privilégio à escuta - privilegiada, no entanto, no âmbito da teologia, judaica primeiramente («Escuta Israel...»), cristã depois. A palavra,

<sup>24</sup> Lembramos a distinção que E. Levinas faz entre *Dizer* original ou pré-original - tido pelo preâmbulo das línguas e por proximidade desinteressada, hospitalidade, responsabilidade, bondade e amizade - e *Dito* para lembrar a diacronia secreta que comanda o falar necessariamente ambíguo ou contraditório, cf. E. Levinas, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*: Dordrecht/Boston/London, Kluwer Academic Publishers, 1988, p. 6-9.

sabemo-lo bem, é aérea e espectral. Não se vê nem se toca: tal como o sonoro que arrebatava a forma, que aparece a desvanecer-se (cf. p. 12). Desenrola-se numa temporalidade não visível. E faz-se por isso desejar. Tocantemente, infinitamente desejar. Mas as categorias do pensamento filosófico não desarmaram por isso: transpuseram as estruturas da visibilidade e da apreensão para o domínio do entendimento [*entente*], da inteligibilidade: do objecto da percepção, isto é, do objecto como aquilo que, disponível, está aí diante do olhar e/ou ao alcance da mão (*Vorhanden* ou *Zuhanden*), ao conceito (*Begriff*), à garra do conceito (*Zugriff des Begriffs*), como, estigmatizando-o, Heidegger soube designá-lo em *Der Fehl heiliger Namen*, está sempre em questão captar, capturar, prender, compre(e)ender, apreender (*capere, percipere, concipere,prehendere, begreifen*). Está por isso sempre em questão inspeccionar e apropriar mediante a apreensão. E o mesmo se passa também no âmbito do intuicionismo com o tocar, que, como Derrida mostrou<sup>25</sup>, não é também menos tributário dos esquemas metafísicos: óptico ou háptico, óptico e háptico, como no fundo é sempre, o intuicionismo filosófico visa também sempre a plenitude de um ver imediato: o «heliocentrismo» está ao serviço do «haptocentrismo», ou seja, de uma figurabilidade que privilegia o tacto ou o contacto<sup>26</sup>. Mas, como Derrida e Nancy o salientaram, um tacto ou um contacto sem tacto – sem saber tocar com tacto, tocando, tacteando o intangível. Por isso, do *objecto* visível, do fenómeno (*phainesthai*), do que brilha e se dá a ver à luz do olhar, à ideia (*eidós*) e à teoria (*theoros*), tratou-se sempre de ver uma dada *forma*: na intuição (*intueri*, ver), na evidência (*videre*, ver), na *aletheia* (na verdade como des-velamento), na compreensão ou mesmo na contemplação (*theorein*, olhar) esteve sempre em questão, para a filosofia, uma passagem do ver ao captar e ao captar-se (cf., p. 22-23). Uma passagem que dá conta do carácter predador do modelo óptico - tal como do modelo háptico. Uma passagem que assegura também a passagem do sensível ao inteligível - sempre privilegiado -, da presença à representação e à reunião ou à recolecção do diverso sob a imperiosa autoridade do *logos*: mais do que a centralidade, a tendência para a reunião<sup>27</sup>, para a recolecção, para a harmonia caracteriza e define o *logocentrismo* filosófico<sup>28</sup>.

<sup>25</sup> «Sem dúvida desde Platão pelo menos, e apesar do seu endividamento ao olhar, o intuicionismo é também uma metafísica e uma trópica do tocar, uma metafísica como haptotrópica.», J. Derrida, *Le Toucher; Jean-Luc Nancy, op. cit.*, p. 138.

<sup>26</sup> Ibid.

<sup>27</sup> «Ora, neste *logos*, o laço originário e essencial à *phone* nunca foi rompida. [...] a essência da *phone* estaria imediatamente próxima daquilo que, no “pensamento” como *logos*, tem relação ao “sentido”, o produz, o recebe, o diz, o “reúne”», J. Derrida, *De la Grammatologie*: Paris, Minuit, 1967, p. 21.

<sup>28</sup> «No fundo, o logocentrismo não é tanto o gesto que consiste em pôr o *logos* no centro, quanto a interpretação do *logos* como *Versammlung*, quer dizer, a reunião que

Daí o dizer-se que, apesar do seu impenitente *fono-logo-centrismo*, a filosofia nunca teve ouvidos para a musicalidade ou para o canto da voz, tal como nunca teve ouvidos para o ressoar da própria *différance* de que ela é o eco cantante – nunca ela teve, por isso, também ouvidos para as inflexões do «parto da voz», que Nancy tem pela própria abertura e exalação do corpo, na sua condição de *extensividade* da alma e de re-nascer balbuciante da língua. É do clamor destas inflexões que privilegiadamente Nancy aqui está *à escuta* – é também para elas que, ao mesmo tempo, ele aqui inclina a nossa escuta.

2. – O segundo motivo que, muito brevemente, aqui se salientará é o da relação existente entre a *escuta* e a «identificação subjectiva» - a *experiência* da escuta, do ser ou do estar *à escuta* (que é também esta como *experiência* (*experiri*)), é também a cena da experiência in-finita de reenvio e, portanto, de não-identidade a si do dito sujeito: uma *experiência* que, notemo-lo, tanto dá conta da originariedade do luto do sujeito (luto que, como Derrida lembra, não espera a chegada da morte, é sem idade e começa com o primeiro rastro, ou seja, começa na véspera da percepção e do sentido com a ressonância apelativa do além-sentido na sua condição e de decapitação da origem e de alteridade ou de «fora» absolutos), como da in-finita *ex-apropriação ex-pele-cisante* (*expeausition*<sup>29</sup>) do sujeito. A *disposição* para a escuta do «ataque do tempo» e/ou do sentido do sentido e dos sentidos traduz-se e testemunha-se na *tensão* in-finita do «acesso» ou como «acesso» a «si» do sujeito - como «si», justamente: um «sujeito» ou um «eu» assim *em si* desviado e fora de si. *Em si*, mas, *em si*, fora de si. O que é dizer que uma tal *disposição* se traduz e se testemunha na condição (de «si») de *quem* escuta - que não está nunca no nominativo, mas sempre, mas *já sempre* no acusativo, que o mesmo é dizer, na sua condição de escutante - respondente -, insinuando a cena da «recorrência» ou do remontar do «sujeito fenomenológico» à arqui-originariedade do «sujeito ressoante». Por outras palavras, insinuando a cena da desconstrução do sujeito, ou da auto-desconstrução deste, pela via da sua escuta *tocante* do sonoro:

«a escuta – a abertura estirada para a ordem do sonoro, depois para a sua amplificação e para a sua composição musicais – pode e deve aparecer-nos, não como uma figura do acesso ao si, mas como a realidade deste acesso.» (p. 28)

---

precisamente concentra o que configura.», J. Derrida, *Políticas da Amizade*, tr. Fernanda Bernardo: Porto, Campo das Letras, 2003, p. 345.

<sup>29</sup> Neologismo criado por Nancy através da homofonia existente na língua francesa entre «*po*» – de «*ex-po*-sition – e «*peau*» (pele) – «*ex-peau*-sition» – para designar de modo mais ostensivo a condição tocantemente sensível ou sensitiva (*aisthética*) do existir da *singularidade existente*, designando a existência como a sua própria tatuagem, cf. Jean-Luc Nancy, *Le Sens du Monde*: Paris, Galilée, 1993, p. 98.

*Escutar* é, pois, para Nancy também *escutar-se* a *si* próprio a escutar, sendo de cada vez a escuta, na sua inaugurabilidade, já uma resposta ou um «reenvio» e, portanto, um modo de «entrar na tensão e na ronda de uma relação a si» (cf. p. 27): com efeito, a originária e secreta ressonância do silêncio é-o também sempre para alguém e graças a alguém, solicita uma escuta, um ouvido *à escuta*, que requer; pelo que esta escuta, que já responde à injunção do silêncio que acolhe, que acolhe como silêncio ressoante no timbre da sua voz, não deixa de plasmar também a *experiência* daquilo que Nancy designará pela relação de reenvio ou de «acesso a si» do «sujeito». Não como «eu», justamente, mas como «si». Ou seja, não pela tensão in-finita (infinitamente finita) da relação *consigo* mesmo de um dado sujeito (que pressuporia a autonomia ou a egocracia prévia de um «eu», de uma *res cogitans*, de um «sujeito fenomenológico» ou, muito simplesmente, de um sujeito filosófico, ou seja, que pressuporia a existência de um sujeito» (soberano) previamente hipostasiado, constituído e definido em termos de poder (consciência, intencionalidade, vontade, liberdade, etc., autonómicas), um sujeito que primeiramente se posicionaria ou se hipostasiaria e *seria*, e que depois, e só depois, se predisporia *à escuta* e entraria em relação *com (cum)*: *com* outrem, *com* o aí mundano e *consigo* mesmo), mas sim pela relação a *si* do sujeito como outro ou como «*si*», justamente, na própria relação de abertura absoluta ou de *ex-posição* – de (*expeausition*) diz também Nancy para dizer a nudez de uma *ex-posição* tatuante sem as vestes de um retorno triunfal a si – e de in-finita tensão espaçante pela qual ele está *à escuta* da ressonância do silêncio que acolhe, isto é, a que dá ouvidos e de que é o eco: tensão espaçante que é para Nancy a própria alma – a *ex-tensão* vibrante da alma:

«Sempre que se está *à escuta*», escreve Nancy, «está-se *à* espreita de um sujeito, o (ele) que *se* identifica ressoando de si a si, em si e para si, fora de si consequentemente, ao mesmo tempo o mesmo e outro que não ele, um como eco do outro, e este eco como o próprio som do seu sentido.» (p. 23).

O que é dizer que a experiência da escuta salienta de modo enfático a condição sensível, *tocantemente*<sup>30</sup> sensível (*aisthética*) do processo de individuação, dando conta da articulação ou do reenvio mútuo entre individuação sensível e individuação inteligível (cf. p. 47-48) do «sujeito ressonante». E do «sujeito ressoante» porque o «sujeito» é agora uma espécie de «eco» (reinventivo<sup>31</sup>, passe a tautologia!) da própria ressonância do som,

<sup>30</sup> Cf. Jacques Derrida, *Le Toucher, Jean-Luc Nancy, op. cit.*

<sup>31</sup> E de eco *inventivo*, porque, escutada por J. Derrida, a Eco das *Metamorfoses* de Ovídio (Livro III, 379-382) logra subtrair a sua fala/resposta à simples reiteração e falar de forma inaugural e responsável, re-inventiva, cf. J. Derrida, *Vadios*, tr. Hugo Amaral, Gonçalves Zagalo, Fernanda Bernardo: Coimbra, Palimage, 2010, p. 30-31.

que lhe timbra a voz, uma vez que, sem qualquer reflexividade, antes na mais irreduzível passividade activa, escutar é sempre escutar-*se*: escutar é ser tocado, apelado, afectado, hetero-afectado, atravessado por aquilo que não se consegue jamais (como que materialmente, realmente) tocar. Menos ainda reter, apreender e apropriar. Mas tão-somente desejar. Como vimos antes, qual aparição espectral, nunca o escutado está *aí* presente «em carne e osso» – nunca ele é «presença plena do presente». Escutar é sempre ouvir passar, ouvir *a passar* o que *se* ouve sem o poder deter, reter, apropriar e guardar – não captamos (capturamos) nunca o timbre de uma voz, o choro de um recém-nascido, uma dada música, não captamos nunca o rumor da água a correr, o canto soalheiro das cigarras ou o som vibrante do sino ... Todos se escutam *a passar* – *passando*. Todos configuram – e de cada vez! - a sublimidade de uma espécie de canto do cisne para o ouvido, pois, como diz a lenda, o cisne canta pela primeira vez quando vai morrer: escutar alguém ou algo é então, não só deixá-lo vir até nós e sobre nós, sem poder antecipá-lo, prevê-lo e compre(e)ndê-lo, como é *ao mesmo tempo* também sempre experienciar o seu distanciamento, a sua perda e, portanto, a impossibilidade da sua apropriação ou reapropriação. O que se ouve, o que se ouve *a passar*, *passando*, será apenas retido de ouvido, de cor ou de memória. Já sempre como passado, portanto, e sem retorno possível. E mais, no risco do seu esquecimento. Daí a *experiência da escuta* vivenciar também a originariedade do luto e da melancolia (limites do *próprio* e da *apropriação*) que re-vestem ou dão corpo à originariedade da nudez do próprio sujeito, cuja *ex-peausition* desenham. Luto originário, mas, lembra J. Derrida, sem origem e sem data - mais velho do que o próprio «eu» *à escuta* e sintoma do que só se escuta a passar (isto é, em in-finita saudação, em in-finita despedida) e, portanto, como sempre outro em «nós»: isto é, num «eu» que é originária e estruturalmente um «nós». Um «singular plural» diz Nancy<sup>32</sup> - um «si» *desinteressado* dir-se-ia no léxico de Levinas.

3. – O terceiro motivo que, demasiado sucintamente, aqui se salientará também é o da relação da experiência da escuta com o corpo e o modo como, em Jean-Luc Nancy, esta relação leva a cabo a superação quer do dualismo, que tradicionalmente opõe corpo-alma, quer do monismo que tradicionalmente pretende unificá-los. Nesta obra Nancy diz o corpo a «caixa de ressonância» do além-sentido (p. 54), isto é, o lugar onde ecoa e se dá a escutar o além-sentido: o corpo sonoro ressoa no corpo do dito sujeito à escuta, e uma tal ressonância é para Nancy a própria alma. A *atenção* da escuta, a *atenção* como a própria escuta, revela-se a *tensão* do próprio escutante *em si* que, por sua vez, configura a *ex-tensão* vibrátil da própria alma. Alma que não é assim

<sup>32</sup> Cf. Jean-Luc Nancy, *Être Singulier Pluriel*: Paris, Galilée, 1996.



mais do que a *tensão* íntima, a *ex-tensão* ou a diferença *a si* do próprio corpo – do próprio corpo a sentir-se *ex-posto* à exterioridade que ele mesmo é: uma exterioridade no entanto estranhamente próxima, *umheimlich*, dir-se-ia no idioma de Freud para lembrar a *Psyche ist ausgedehnt* contra-assinada por Nancy na linha remota do «*hoc est corpus meum*» de Mateus (XXVI, 26):

«Assim, esta pele esticada sobre a sua própria caverna sonora, este ventre que se escuta e que se extravía em si mesmo ao escutar o mundo e ao perder-se nele em todos os sentidos, não são uma «figura» para o timbre ritmado, mas a sua própria aparência, são o meu corpo batido pelo seu sentido de corpo, aquilo a que antigamente se chamava a sua alma.» (p. 74)

A *tensão* e a *ex-tensão* (ou espaçamento) são agora os termos-chave através dos quais Nancy pensa o corpo para além do dualismo ou do monismo como o outro da alma: «corpo quer muito exactamente dizer a alma que se sente corpo, [...] o dentro que se sente fora.»<sup>33</sup> Um «fora» que não implica todavia mais a separação de duas substâncias, mas a articulação de um «sujeito» *ex-tensamente* «em si». Alma e corpo são agora a cena de um «sujeito» *em si* fora de si – e não é a escuta um gesto ou uma atitude que nos inclina e nos entorna para fora de nós? Que nos arrebatada e *incondicionalmente* nos abre de fora ao próprio fora? Como, talvez por excelência, ainda a escuta da música o exemplifique – pois não é ouvir uma música de que se gosta deixar-se invadir, arrebatar e possuir por ela? Estar *em si* fora de si? *Ex-posto*? *Ex-pele-cisado*, diria talvez J.-L. Nancy...

---

<sup>33</sup> Jean-Luc Nancy, *Corpus*: Paris, Métailié, 2006, p. 121-122,